

O discípulo radical



JOHN STOTT

O discípulo radical



Traduzido por
MEIRE PORTES SANTOS

ultimato 
VIÇOSA|MG

O DISCÍPULO RADICAL

Categoria: Vida cristã / Espiritualidade / Liderança

Copyright © J. R. W. Stott 2010

Publicado originalmente por Inter-Varsity Press,
Nottingham, Reino Unido

Primeira edição: Março de 2011

Coordenação editorial: Bernadete Ribeiro

Tradução: Meire Portes Santos

Revisão: Paula Mazzini Mendes

Diagramação: Editora Ultimato

Capa: Ana Cláudia Nunes

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV

S
2010

Stott, John, 1921-

O discípulo radical / John Stott ; traduzido por Meire Portes Santos.
— Viçosa, MG : Ultimato, 2010.

136p.; 21cm.

Título original: The Radical Disciple

ISBN 978-85-7779-044-9

1. Espiritualidade. 2. Vida espiritual. I. Título.

CDD

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

EDITORA ULTIMATO LTDA.

Caixa postal 43

36570-000 Viçosa, MG

Telefone: 31 3611-8500 — Fax: 31 3891-1557

www.ultimato.com.br

SUMÁRIO

Agradecimentos

Prefácio: Discípulos ou cristãos?

1. Inconformismo
2. Semelhança com Cristo
3. Maturidade
4. Cuidado com a criação
5. Simplicidade
6. Equilíbrio
7. Dependência
8. Morte

Conclusão

Posfácio: Adeus!

Todos os direitos autorais deste livro foram cedidos de forma irrevocável à Langham Literature (antiga Evangelical Literature Trust).

A Langham Literature é um programa da Langham Partnership International (LPI), fundada por John Stott. Chris Wright é o diretor internacional.

A Langham Literature distribui livros evangélicos para pastores, estudantes de teologia e bibliotecas de seminários em quase todo o mundo, e patrocina a escrita e a publicação de literatura cristã em muitas línguas regionais.

Para maiores informações sobre a Langham Literature e outros programas da LPI, visite www.langhampartnership.org.

Nos Estados Unidos, o membro nacional da Langham Partnership International é o John Stott Ministries. Visite o site do JSM: www.johnstott.org.

AGRADECIMENTOS

Como a produção deste livro teve início, continuidade e término sob o teto hospitaleiro da Universidade de Saint Barnabas, o primeiro agradecimento é para o corpo de funcionários, para o diretor, Howard Such, e sua esposa, Lynne Such, para os residentes e pacientes, e para a equipe de enfermagem, cuidados, administração, alimentação e limpeza, pois juntos criaram uma rica comunidade cristã de culto e comunhão — um contexto adequado à reflexão e à escrita. Quando por vezes preocupei-me com tais atividades, devo ter parecido uma criatura antissocial; mas eles compreenderam e me perdoaram.

Outra comunidade à qual sou devedor é a Igreja St. John, Felbridge; ao ministro Stephen Bowen, sua esposa, Mandy, e aos administradores da igreja, Anne Butler e Malcolm Francis. Quando me sentia forte o suficiente, eles providenciavam uma maneira de me transportar para lá e me trazer de volta, aos domingos. Eles sabiam que um livro estava sendo preparado e me incentivaram durante o processo.

Aprecio a habilidade editorial de David Stone, assistido por Eleanor Trotter, apesar de outras pessoas terem contribuído com o texto, como John Wyatt e Sheila Moore, que enriqueceram o capítulo 7 com suas experiências pessoais.

Peter Harris e Chris Wright me auxiliaram com o capítulo 4, e Grace Lam me deu informações vitais sobre o ministério de seu falecido marido (capítulo 5).

Receber a visita quinzenal de minhas sobrinhas Caroline e Sarah e a frequente visita de meu amigo Phillip Herbert tem sido um encorajamento regular. Outros trabalharam nos bastidores, como John Smith, por exemplo, que tem pacientemente feito pesquisas na internet para mim.

Por último, mas não menos importante, Frances Whitehead tem conseguido fazer visitas semanais e lidar com a enorme quantidade de e-mails, que ela administra com uma habilidade extraordinária, juntamente com este manuscrito.

JOHN STOTT
Páscoa de 2009

PREFÁCIO

DISCÍPULOS OU CRISTÃOS?

Deixe-me explicar e justificar o título deste livro, *O Discípulo Radical*.

Em primeiro lugar, por que “discípulo”?

Para muitos, descobrir que, no Novo Testamento, os seguidores de Jesus Cristo são chamados de “cristãos” apenas três vezes, é uma grande surpresa.

A ocorrência mais significativa é o comentário de Lucas explicando que foi em Antioquia da Síria que os discípulos de Jesus foram chamados de “cristãos” pela primeira vez (At 11.26). Antioquia era conhecida como uma comunidade internacional. Consequentemente, a igreja também era uma comunidade internacional e seus membros eram adequadamente chamados de “cristãos” para indicar que as diferenças étnicas eram superadas por sua lealdade comum a Cristo.

As outras duas ocorrências da palavra “cristão” evidenciam que seu uso estava ficando mais comum. Assim, quando Paulo, que estava sendo julgado diante do rei Agripa, o desafiou diretamente, Agripa clamou: “Por pouco me persuades a me fazer cristão” (At 26.28).

Depois, o apóstolo Pedro, cuja primeira carta foi escrita em um contexto de perseguição crescente, achou necessário

fazer distinção entre aqueles que sofriam “como criminosos” e aqueles que sofriam “como cristãos” (1Pe 4.15-16), isto é, por pertencerem a Cristo. Ambas as palavras (cristão e discípulo) implicam relacionamento com Jesus. Porém, “discípulo” talvez seja mais forte, pois inevitavelmente implica relacionamento entre aluno e professor. Durante os três anos de ministério público, os doze foram discípulos antes de serem apóstolos e, como discípulos, estavam sob a instrução de seu Mestre e Senhor.

Talvez, de alguma forma, deveríamos ter continuado a usar a palavra “discípulo” nos séculos seguintes, para que os cristãos fossem discípulos de Jesus de maneira consciente e levassem a sério a responsabilidade de estar “sob disciplina”.

Meu interesse com este livro é que nós, que afirmamos ser discípulos do Senhor Jesus, não o provoquemos a dizer: “Por que me chamais Senhor, Senhor, e não fazeis o que vos mando?” (Lc 6.46). O discipulado genuíno é um discipulado sincero — e é daí que surge a próxima palavra.

Em segundo lugar, por que “radical”? Sendo esse o adjetivo usado para descrever nosso discipulado, é importante indicar o sentido no qual o utilizo.

A palavra “radical” é derivada do latim *radix*, raiz. Originalmente, parece ter sido utilizada como rótulo político para pessoas como William Cobett, político do século 19, e seus pontos de vista extremos, liberais e reformistas. Assim, vem daí o uso geral para se referir àqueles cujas opiniões vão às raízes e que são extremos em seu compromisso.

Agora estamos prontos para unir o substantivo e o adjetivo e fazer a terceira pergunta: por que “discípulo radical”? A resposta é óbvia. Existem diferentes níveis de comprometimento na comunidade cristã. O próprio Jesus ilustra isso ao explicar

o que aconteceu com as sementes que descreve na Parábola do Semeador.¹ A diferença entre as sementes está no tipo de solo que as recebeu. A respeito da semente semeada em solo rochoso, Jesus diz: “Não tinha raiz”.

Geralmente evitamos o discipulado radical sendo seletivos: escolhemos as áreas nas quais o compromisso nos convém e ficamos distantes daquelas nas quais nosso envolvimento nos custará muito. Porém, por Jesus ser Senhor, não temos o direito de escolher as áreas nas quais nos submetemos à sua autoridade.

Jesus é digno de receber
 Honra e poder divino
 E bênçãos mais que não podemos dar
 Sejam, Senhor, para sempre tuas.²

Assim, meu propósito neste livro é considerar oito características do discipulado cristão que, apesar de serem frequentemente negligenciadas, merecem ser levadas a sério.

Capítulo 1

INCONFORMISMO

A primeira característica que quero considerar sobre o discípulo radical é o “inconformismo”. Deixe-me explicar.

A igreja tem uma dupla responsabilidade em relação ao mundo ao seu redor. Por um lado, devemos viver, servir e testemunhar no mundo. Por outro, devemos evitar nos contaminar por ele. Assim, não devemos preservar nossa santidade fugindo do mundo, nem sacrificá-la nos conformando a ele.

Tanto o escapismo quanto o conformismo são proibidos para nós. Esse é um dos temas principais da Bíblia, ou seja, Deus está convocando um povo para si e o desafiando a ser diferente de todos. “Sejam santos”, diz ele repetidamente ao seu povo, “porque eu sou santo” (Lv 11.45; 1Pe 1.15-16).

*Não devemos preservar
nossa santidade fugindo do mundo,
nem sacrificá-la nos conformando a ele*

Esse tema fundamental se repete nas quatro principais seções da Bíblia: a lei, os profetas, o ensino de Jesus e o

ensino dos apóstolos. Darei um exemplo de cada. Primeiro, a lei. Deus diz ao seu povo por meio de Moisés:

Não fareis segundo as obras da terra do Egito, em que habitastes, nem fareis segundo as obras da terra de Canaã, para a qual eu vos levo, nem andareis nos seus estatutos. Fareis segundo os meus juízos e os meus estatutos guardareis, para andardes neles. Eu sou o Senhor, vosso Deus.
Levíticos 18.3-4

Semelhantemente, a crítica de Deus ao seu povo por meio do profeta Ezequiel é que “não andastes nos meus estatutos, nem executastes os meus juízos; antes, fizestes segundo os juízos das nações que estão em redor de vós” (Ez 11.12).

O mesmo acontece no Novo Testamento. No Sermão do Monte, Jesus fala dos hipócritas e pagãos e acrescenta: “Não vos assemelheis, pois, a eles” (Mt 6.8). Finalmente, o apóstolo Paulo escreve aos romanos: “Não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente” (Rm 12.2).

Aqui está o chamado de Deus para um discipulado radical, para um inconformismo radical à cultura circundante. O convite para desenvolver uma contracultura cristã, para um engajar-se sem comprometer-se.

Assim, quais as tendências contemporâneas que ameacem nos tragar, às quais devemos resistir? Consideraremos quatro. A primeira delas é o desafio do *pluralismo*. O pluralismo afirma que todo “ismo” tem seu valor e merece nosso respeito. Portanto, ele rejeita as alegações cristãs de perfeição e singularidade, e entende a tentativa de converter qualquer pessoa (que dirá todas) ao que julga ser simplesmente “nossa opinião”, ou seja, uma atitude de arrogância total.

Como então deveríamos responder ao espírito de pluralismo? Com muita humildade e sem qualquer indício de superioridade pessoal. Porém, devemos continuar a afirmar a imparidade e perfeição de Jesus Cristo. Pois ele é singular em sua encarnação (o único Deus homem); singular em sua expiação (somente ele morreu pelos pecados do mundo); e singular em sua ressurreição (somente ele venceu a morte). E sendo que em nenhuma outra pessoa, a não ser em Jesus de Nazaré, Deus se tornou humano (em seu nascimento), carregou os nossos pecados (em sua morte), e triunfou sobre a morte (em sua ressurreição), ele é singularmente competente para salvar os pecadores. Ninguém mais tem suas qualificações. Assim, podemos falar sobre Alexandre, o grande, Charles, o grande, Napoleão, o grande, mas não Jesus, o grande. Ele não é o grande — ele é o Único. Não existe ninguém como ele. Ele não tem rival nem sucessor.

A segunda tendência secular muito difundida e a qual “os discípulos cristãos devem resistir é o *materialismo*. O materialismo não é simplesmente uma aceitação da realidade do mundo material. Se assim fosse, todos os cristãos seriam materialistas, pois acreditamos que Deus criou o mundo material e disponibilizou suas bênçãos a nós. Deus declarou a ordem material também por meio da encarnação e ressurreição do seu Filho, na água do batismo e no pão e vinho da Santa Comunhão. Não é de se admirar que William Temple tenha descrito o cristianismo como a religião mais material de todas. Porém, ela não é materialista.

Pois materialismo é uma preocupação com coisas materiais, que podem abafar a nossa vida espiritual. No entanto, Jesus nos diz para não armazenar tesouros na terra e nos adverte contra a avareza. O mesmo faz o apóstolo Paulo, nos

impelindo a desenvolver um estilo de vida de simplicidade, generosidade e contentamento, extraindo tal padrão de sua própria experiência de ter aprendido a estar contente em quaisquer circunstâncias (Fp 4.11).

Paulo acrescenta que “grande fonte de lucro é a piedade com o contentamento” (1Tm 6.6) e continua, explicando que “nada temos trazido para o mundo, nem coisa alguma podemos levar dele”. Talvez, de forma consciente, ele estivesse repetindo o que diz Jó: “Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei” (Jó 1.21). Em outras palavras, a vida na terra é uma breve peregrinação entre dois momentos de nudez. Assim, seríamos sábios se viajássemos com pouca carga. Nada levaremos conosco. (Direi mais sobre materialismo no capítulo 5.)

A terceira tendência contemporânea que nos ameaça e à qual não devemos nos render é o espírito perverso do *relativismo ético*.

Todos os padrões morais que nos cercam estão se desfazendo. Isso é verdade especialmente no Ocidente. As pessoas se confundem diante da existência de quaisquer absolutos. O relativismo permeou a cultura e tem se infiltrado na igreja.

Em nenhuma esfera esse relativismo é mais óbvio do que na da ética sexual e na revolução sexual vivenciada desde os anos 60. Pelo menos onde a ética judaico-cristã era levada a sério, o casamento era universalmente aceito como uma união monogâmica, heterossexual, amorosa e vitalícia, e como o único contexto dado por Deus para a intimidade sexual. Atualmente, porém, mesmo em algumas igrejas, a relação sexual fora do casamento é largamente praticada, dispensando o compromisso essencial com um casamento autêntico. Além disso, relacionamentos entre pessoas

do mesmo sexo são vistos como alternativas legítimas ao casamento heterossexual.

Para combater tais tendências, Jesus Cristo chama seus discípulos à obediência e a se conformarem aos seus padrões. Alguns dizem que Jesus não falou a respeito disso. Mas ele o fez. Citou Gênesis 1.27 (“homem e mulher os criou”) e Gênesis 2.24 (“deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne”), dando a definição bíblica de casamento. E depois de citar esses versículos, Jesus deu-lhes seu próprio endosso pessoal, dizendo: “o que Deus ajuntou não o separe o homem” (Mt 19.4-6).

Esse ponto de vista foi avaliado criticamente pelo distinto filósofo moral e social, o americano Abraham Edel (1908–2007), cujo principal livro chama-se *Ethical Judgment*.¹

“A moralidade é basicamente arbitrária”, escreve ele, complementando em versos livres:

Tudo depende de onde você está,
Tudo depende de quem você é,
Tudo depende do que você sente,
Tudo depende de como você se sente.

Tudo depende de como você foi educado,
Tudo depende do que é admirado,
O que é correto hoje será errado amanhã,
Alegria na França, lamento na Inglaterra.

Tudo depende do seu ponto de vista,
Austrália ou Tombuctu,
Em Roma faça como os romanos.

Se os gostos acabam coincidindo
Então você tem moralidade.
Mas onde existem tendências conflitantes,
Tudo depende, tudo depende...

Os discípulos cristãos radicais devem discordar disso. Certamente não devemos ser totalmente inflexíveis em nossas decisões éticas, mas devemos procurar, com sensibilidade, aplicar princípios bíblicos em cada situação. O senhorio de Jesus Cristo é fundamental para o comportamento cristão. “Jesus é Senhor” continua sendo a base da nossa vida.

Assim, a pergunta fundamental para a igreja é: Quem é Senhor? Será que a igreja exerce o senhorio sobre Jesus Cristo, tornando-se livre para alterar e manipular ao aceitar o que gosta e rejeitar o que não gosta? Ou Jesus Cristo é o nosso Mestre e Senhor, de maneira que cremos nele e obedecemos ao seu ensinamento?

Ele nos diz também: “Por que me chamais Senhor, Senhor, e não fazeis o que vos mando?” (Lc 6.46). Confessar Jesus como Senhor, mas não obedecer a ele, é como construir a vida sobre a areia. Novamente: “Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama”, disse ele no Cenáculo (Jo 14.21).

Aqui estão duas culturas e dois sistemas de valores; dois padrões e dois estilos de vida. Por um lado, há o estilo do mundo ao nosso redor; por outro, a vontade revelada, boa e agradável de Deus. Discípulos radicais têm pouca dificuldade de fazer suas escolhas.

Chegamos agora à quarta tendência, que é o desafio do *narcisismo*.

Narciso, na mitologia grega, foi um jovem que viu seu reflexo em um lago, apaixonou-se por sua própria imagem, caiu dentro d’água e se afogou. Assim, “narcisismo” é um amor excessivo, uma admiração desmedida por si mesmo.

Nos anos 70, o narcisismo se expressou por meio do Movimento Potencial Humano, que enfatizava a necessidade

da autorrealização. Nos anos 80 e 90, o Movimento da Nova Era imitou o Movimento Potencial Humano. Shirley MacLaine pode ser considerada símbolo do movimento, pois era cega de paixão por si mesma. De acordo com ela, a boa notícia é essa:

Sei que existo; portanto, eu sou.
Sei que a força divina existe; portanto, ela é.
Já que sou parte dessa força, sou o que sou.

Parece uma paródia deliberada da revelação que Deus faz de si mesmo a Moisés: “Eu sou o que sou” (Êx 3.14).

Assim, o Movimento da Nova Era nos convida a olhar para dentro de nós mesmos e nos explorar, pois a solução para os nossos problemas está em nosso interior. Não precisamos que um salvador surja em algum lugar e venha até nós; podemos ser o nosso próprio salvador.

Infelizmente, uma parte desse ensinamento tem permeado a igreja e há cristãos recomendando que devemos não somente amar a Deus e ao próximo, mas também a nós mesmos. No entanto, isso é um erro por três razões. Em primeiro lugar, Jesus falou do “primeiro e grande mandamento” e do “segundo”, mas não mencionou um terceiro. Em segundo lugar, amor próprio é um dos sinais dos últimos tempos (2Tm 3.2). Em terceiro lugar, o significado do amor *ágape* é o sacrifício próprio em benefício de outros. Sacrificar-se a serviço de si mesmo é, nitidamente, um contrassenso. Então, qual deve ser a atitude para conosco? Um misto de autoafirmação e autonegação – afirmar tudo em nós que vem da nossa criação e redenção, e negar tudo que pode ser ligado à queda.

É aliviador se livrar de uma preocupação doentia consigo mesmo e voltar-se para os saudáveis mandamentos de Deus (incorporados e reforçados por Jesus): amar a Deus de todo o coração e ao nosso próximo como a nós mesmos. Pois a intenção de Deus para a sua igreja é que ela seja uma comunidade de amor, de adoração e de serviço.

Todos sabem que o amor é a maior virtude do mundo, e os cristãos sabem o motivo: é porque Deus é amor.

O cortesão espanhol do século 13, Raimundo Lúlio (missionário entre os muçulmanos no Norte da África), escreveu que “aquele que não ama, não vive”. Pois viver é amar, e sem amor a personalidade humana se desintegra. É por isso que todos procuram autênticos relacionamentos de amor.

Até agora, consideramos quatro tendências seculares que ameaçam subjugar a comunidade cristã. Em face dessas tendências, somos chamados a um inconformismo radical, não a um conformismo medíocre. Diante do desafio do *pluralismo*, devemos ser uma comunidade de verdade, declarando a singularidade de Jesus Cristo. Diante do desafio do *materialismo*, devemos ser uma comunidade de simplicidade, considerando que somos peregrinos aqui. Diante do desafio do *relativismo*, devemos ser uma comunidade de obediência. Diante do desafio do *narcisismo*, devemos ser uma comunidade de amor.

Não devemos ser como caniços agitados pelo vento, dobrando-nos diante das rajadas da opinião pública; mas tão inabaláveis quanto pedras em uma correnteza. Não devemos ser como peixes que flutuam na corrente do rio (como diz Malcolm Muggeridge, “somente peixes mortos nadam com a corrente”); devemos nadar contra ela, contra a tendência cultural. Não devemos ser como camaleões, que mudam de

cor de acordo com o ambiente; devemos nos opor de forma visível ao ambiente em que estamos.

*Não devemos ser como caniços agitados pelo vento,
dobrando-nos diante das rajadas da opinião pública,
mas tão inabaláveis quanto pedras em uma correnteza*

Então, a que os cristãos devem se assemelhar, se não devemos ser como caniços, peixes mortos ou camaleões? Será que a Palavra de Deus é totalmente negativa, nos dizendo simplesmente para não sermos moldados à forma daqueles que estão no mundo ao nosso redor? Não. Ela é positiva. Devemos ser como Cristo, “conformes à imagem de seu Filho” (Rm 8.29). E isso nos leva ao segundo capítulo.